

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

Commissão de redacção

PARTHENON LITTERARIO

2.^a SÉRIE

3.^o ANNO — MARÇO DE 1873 — N.^o 3

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1873

Commissão de redacção

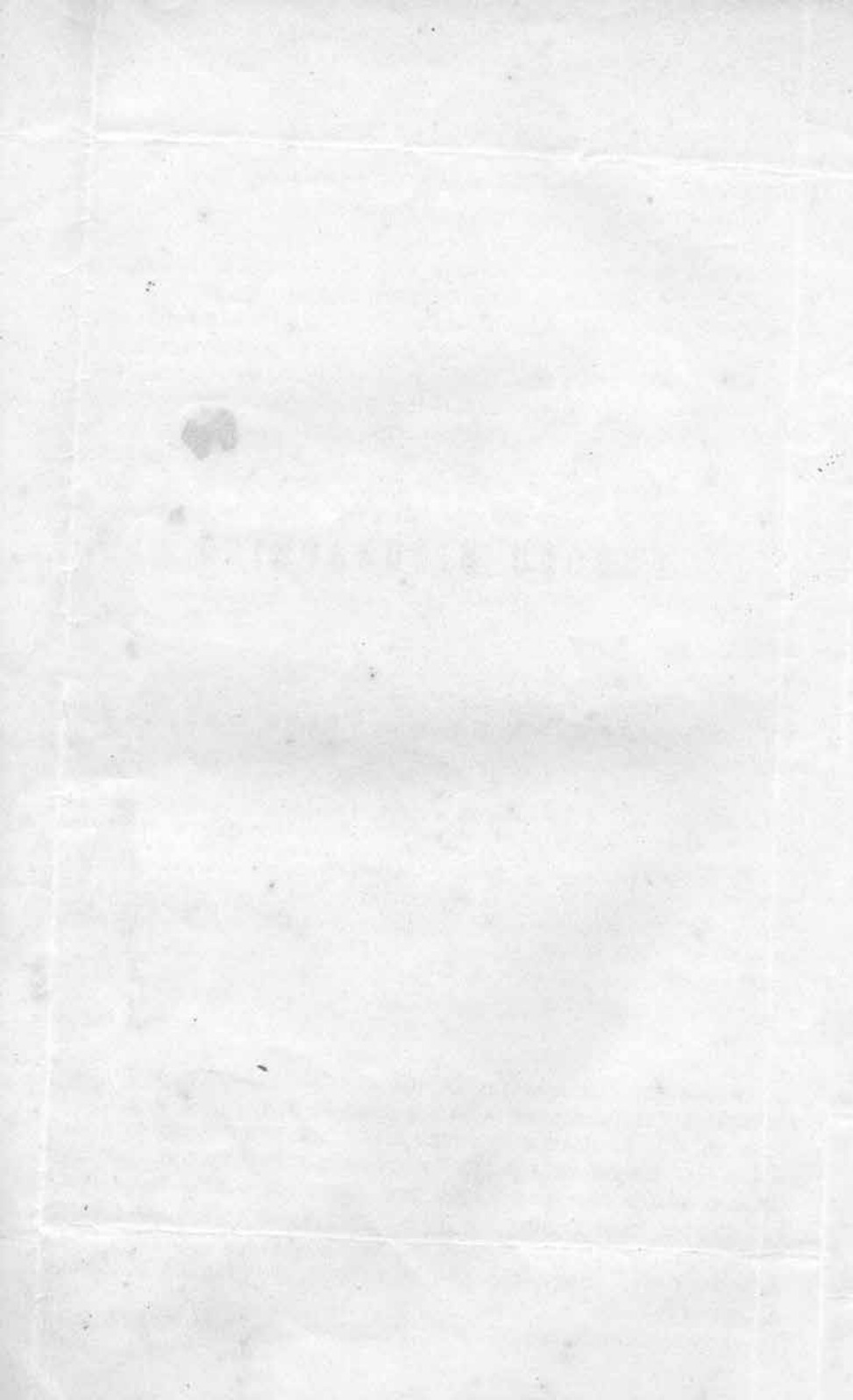
Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Alexandre B. de Moura.
Francisco J. de Sá Brito.
Joaquim Antonio Vasques.

Redactor de mez

Francisco J. de Sá Brito.

Directores

Achylles Porto Alegre.
Hilario Ribeiro.





18th. Imperial. E. Wiermann.

Hoguel, Heydel.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

MIGUEL PEREIRA DE OLIVEIRA MEIRELLES

« Quem registra e canonisa os merecimentos não
« são os convivas da opulencia, nem os festeiros
« das grandezas: é a sentença das gerações que
« não querem conhecer da arvore senão os fructos.

RABELLO DA SILVA. »

Com aceitar missão tão espinhosa, como a de expôr á consideração publica a memoria de um cidadão que de per si se havia feito na vida altamente recommendado, não me desvanee a idéa de minha competencia para tão arduo commettimento, que bem conheço faltarem-me as forças para tratar de assumpto que está reclamando uma esclarecida intelligencia; talento culto e superior; palavra pelo saber mais autorisada que não a minha. Cedo a um dever; curvo-me á obrigação contrahida na confiança da amisade.

A biographia é um estereotipo moral em que o biographado

apparece com todos os traços característicos que formão o conjunto de seu ser intellectual. Assim, pois, se na vida physica precisamos de um habil artista para que o trabalho seja perfeito; os caracteres indeleveis; nitidos, superiormente reproduzidos, assim na vida moral, para o biographado o — biographo precisa de um talento culto, afim de que, aproveitando todos os traços physionomicos — Moraes do individuo de que trata, o apresente ao publico tal qual foi na sociedade em que viveu. Eu traço hoje os fracos lineamentos biographicos de um morto.

Fallarei d'elle com toda a imparcialidade; esta já não póde molestal-o ou commovel-o. Do morto já não ha mais a esperar nem a temer. Com elle adormecerão-se-lhe as paixões. Odios, pequenas invejas esfrião-se-lhes aos pés, junto á cruz do sepulchro. Do que é da terra e da vida já nada lhe chega.

A imparcialidade, pois, com ser de razão, é possível, é mais: é superior a toda a suspeição. E' verdade, porém, que este morto contavamos ainda ha pouco no numero dos vivos; passou entre nós, tinhamol-o em conta de amigo, morreu deixando affectos e saudades.

Deixou. Que importa? Em que podia isso influir?

Aos homens que nenhum merecimento deixão após si, que nenhuma acção nobre, nenhuma lembrança de seu nome legarão á posteridade para os fazerem lembrados, não se lhes levantão taes padrões. Esses affectos, essas saudades são os melhores attestados de sua incestimavel valia.

Eu fallo, e a sociedade julga. A sympathia que se aninha e estremece no fundo do coração e se debruça sobre um tumulo, não é para confundir-se com juizos parciais. Póde provar, quando muito, respeito, benevolencia e consideração; nunca um juizo obsecado e cego pela amisade. Não póde haver cegueira quando a luz que allumia os actos e a vida de um homem, é já luz que nos dá a eternidade. O mundo conheceu e acatou as virtudes civicas do cidadão do qual tento delinear os esboços biographicos. Eu acatei e estimei o homem na sua vida intima; no trato quasi quotidiano, onde o caracter mais se revela; o coração mais se expande; onde o homem emfim, desprendeudo-se d'essas fórmulas convencionaes que a sociedade impõe, desnuda a alma, e se mostra tal qual é.

Guardo as recordações d'esse trato intimo como um deposito precioso. Para mim o trabalho presente é um sagrado dever; é uma homenagem á memoria do amigo; uma doce e escassa consolação.

Miguel Pereira de Oliveira Meirelles abriu os olhos á luz, na cidade de Pelotas, provincia do Rio Grande do Sul, a 3 de Setembro de 1830. Forão seus pais o coronel Pedro Maria Xavier de Oliveira Meirelles e D. Rita Candida Barreto Meirelles.

Filho e neto de soldados, nascido n'esta heroica provincia do Rio Grande do Sul, Miguel Meirelles bem cedo vestio a farda de soldado. Em 9 de Abril de 1842 era já praça voluntaria do 2º regimento de cavallaria ligeira. Ao completar 14 annos foi reconhecido cadete, e em Agosto de 49 despachado alferes. Foi nomeado tenente em Abril de 55, posto em que foi reformado, por motivos de molestia, em Novembro de 1861.

Como militar prestou Miguel Meirelles seus serviços com intelligencia e dedicação; já servindo no batalhão commandado pelo severo e disciplinador, hoje marechal Lima e Silva; já como ajudante de ordens do não menos austero militar o marechal Francisco Felix, com quem fez a campanha do Uruguay em 1852.

Servio mais tarde (1854) como ajudante do deposito de guerra em Montevidéo, lugar que desempenhou com muita honradez e proficiencia, como attesta sua fé de officio.

Tendo cursado com feliz aproveitamento os estudos na academia militar da côrte, se bem não completasse o curso, o joven militar deu sempre prova de um não vulgar talento, que o recommendou sempre para exercer na vida militar com muita sufficiencia as missões de que fôra encarregado.

Casado no anno de 1859 com a filha do sempre lembrado e illustre barão do Triumpho, a Exma. Sra. D. Maria Adelaide de Andrade Neves, Miguel Meirelles recolhe-se á vida intima da familia e gosando das doçuras de um hymineu por amor, deslisão-se-lhes os dias na suave tranquillidade do lar domestico, rodeado dos affagos e cuidados de uma familia que o idolatra. Foi por esse tempo nomeado lente da cadeira de desenho da academia militar, então n'esta cidade.

N'este seu novo encargo, deu, como até então, provas de applicação e intelligencia.

Inda não havião, porém, terminado para o tenente Meirelles os seus serviços militares.

Organisado o corpo de exercito ás ordens do Exm. conde de Porto Alegre, Miguel Meirelles, patriota exaltado, coração accessivel a todos os sentimentos nobres, troca as blandicias da familia, o conchego e conforto do lar, pelas agruras da vida de

soldado e insipidez dos acampamentos. A voz da patria o chama e o patriota soldado tudo esquece para acudir ao seu reclamo.

Nomeado major secretario do Exm. conde de Porto Alegre, com este chefe seguiu para a campanha, onde se demorou até a rendição da Uruguayana. Seus continuados incommodos o privarão de ir além, impossibilitando-o de continuar a prestar os serviços que de coração desejava prestar á patria.

Com 16 annos de serviços prestados ao paiz, Miguel Meirelles, reformado, só tinha em seu peito as tres medalhas das tres campanhas dos ultimos 20 annos. Nenhuma outra condecoração ornava o peito do brioso militar.

Não é que lhe faltassem titulos para merecel-as. Fôra assim melhor.

Quando os governos desconhecendo o merito real, o verdadeiro e decidido patriotismo, têm condecorações para remunerar os serviços dos espoletas eleitoraes e premiar os sustentadores de todas as tropelias ministeriaes, não é de estranhar que lhes escasseie as condecorações para recompensar os servidores do paiz ; aos homens de talento e dedicação provada aos interesses da patria.

Está-me a proposito, a calir dos bicos da penna, o dito sentencioso de um notavel academico, na occasião em que S. M. o Imperador assistia a um concurso na academia da côrte. A sala regorgitava das primeiras notabilidades, em cujos peitos brilhavam as variadas condecorações.

E' a vez de ouvir-se o notavel academico ; este levanta-se, passeia a vista por todo o salão, fixando a todos os magnatas e — olhando especialmente o nosso padre Feijó, em cujo peito não se distinguia o mais modesto habito, disse: « Vejo, senhores, que os distinctos nem sempre são os distinguidos ».

Estas palavras fizeram echo, demonstrando eloquentemente a ingratição dos governos.

III

A carreira do nobre soldado está finda ; acompanhemol-o agora na vida politica e litteraria.

Miguel Meirelles era liberal de crenças. Foi nas fileiras do glorioso partido liberal que militou sempre, com muita honra para si e grande gloria e proveito para a provincia, que se desvanecia de lhe haver dado o berço, e á quem elle dignamente representou por espaço de oito annos seguidos.

Data o seu baptismo politico do anno de 1859 em que fôra eleito deputado provincial, honra obtida pelo suffragio dos eleitores do primeiro circulo. Ao entrar no terreno agitado e ardente da politica, Miguel Meirelles não perdeu no recinto tempestuoso da assembléa a bondade do character, naturalmente lhano, affavel e insinuante, angariando a estima de correligionarios e adversarios que todos o respeitavão.

Poeta e prosador distincto, Meirelles revelou nos seus primeiros discursos a qualidade de orador correcto, facil e imaginoso.

Dotado de physionomia sympathica e attractiva que dois olhos rasgados e expressivos animavão de vida e acção, a camara o escutou sempre com interesse, que á seu favor promové o orador de verdadeiro talento

Moderado em suas opiniões politicas, Miguel Meirelles soube conquistar o acatamento de seus adversarios, que respeitavão n'elle as opiniões filhas de uma arraigada crença. Cheio de tolerancia politica, respeitador por isso das alheias convicções, fez sempre juz a que não pozessem em duvida a sinceridade do credo politico que professava. Seus amigos e correligionarios tinham n'elle um auxiliar poderoso.

Na camara sua voz eloquente se fez ouvir sempre que se tratava de uma questão importante.

Na presente legislatura provincial, seu nome, nunca esquecido, faria parte da chapa de deputados pelo primeiro circulo. Sua morte, succedida na vespera da organização da chapa, veio trazer a consternação á seus amigos e prival-os assim de um dedicado e prestimoso companheiro na assembléa.

IV

Das letras fôra Miguel Meirelles assiduo cultor. De esmerado gosto litterario os seus escriptos revestem-se da opulencia e galas de um estylo florido e elegante.

Suas obras dramaticas derão-lhe padrão de incontestavel renome. Algumas ha impressas e outras ineditas. Do numero das primeiras cito aqui as de que tenho memoria e forão representadas com geral applauso; são ellas: *A mulher do artista* e *Baroneza da Tijuca*.

Cabe sobre esses as honras de um verdadeiro feito litterario, seus dois ultimos dramas *Um homem do seculo* e *Sem titulo*. Do primeiro assistimos a representação e fomos testemunhas do esplendido triumpho que obteve o autor.

O *Homem do seculo*, producção anterior ao *Sem titulo*, bastaria por si só para crear a reputação de um bom dramaturgo. Levado á scena em nosso theatro particular, no tempo em que se achava em Rio Pardo a academia militar, tendo por interprete alguns de seus lentes e estudantes de reconhecido merito e intelligencia, o drama teve uma execução perfectissima, obtendo um successo brilhante, como se o seu desempenho houvesse sido confiado a verdadeiros artistas dramaticos.

Lembro-me ainda com saudades d'aquelle bom tempo em que a minha pobre terra não estava como então se acha, envolta n'estes miasmas deleterios da politica, que tudo athrophia e mata ! Os homens são aqui mais unidos; a divisão politica não havia ainda aprofundado a linha divisoria que separa hoje os dois partidos, por seus odios, seus ressentimentos; suas injurias pessoais, mais do que pelos principios; que estes, uma vez definidos, separão apenas os politicos, unindo os individuos n'um amplexo fraternal para o bem estar da sociedade.

Affastei-me um pouco do assumpto; mas seja esse pequeno reparo concedido ao homem que, encarando a politica com olhos desapaixonados, sincero e leal nas suas apreciações, como é firme e dedicado ás idéas de seu partido, vê sempre com dôr a profunda divisão que se opera entre os homens de arraiaes adversos.

Tenho em minha mesa de trabalho o juizo critico que fez o chorado e talentoso Felix da Cunha ao drama *Um homem do seculo*. Falle por mim o inestimavel escriptor, o publicista distinctissimo, e sirvão suas palavras como de pedra de toque, onde se aquilata o valor d'aquella joia litteraria.

Elil-o :

MIGUEL.

Li o teu drama — O homem do seculo — e li-o com prazer. Eu que tenho admirado as manifestações brilhantes de teu talento, acabo de applaudir um passo assignalado que dêste com a tua nova producção, na carreira tão pouco trilhada da litteratura patria.

Não te arrefece a chamma divina da inspiração esta athmosfera de gelo que desbota e cresta a flôr mimosa da poesia, n'uma terra em que se nasce poeta, no berço de uma natureza exuberante de virgindade e magnificencia, mas onde infelizmente se cresce no tumultuar das paixões, no vortice dos interesses, no dismantelamento dos costumes, na prescripção das crenças.

O campo da litteratura, e que nunca foi cultivado, se esterelisa todos os dias; para a mocidade de talento parece que não existe outra gloria, senão as coróas difficilmente colhidas nas lutas acabrunhadoras de uma politica sem dogmas, sem tradição e sem futuro. Tristes coróas que abatem e prostrão as fronteas ainda puras, ao peso do desanimo, do tédio e do cansaço, e apenas vição nas fronteas ambiciosas com os esplendores ephemeros da hora do triumpho.

O poder é a aspiração fixa e laboriosa do talento. Extinguem-se os echos melodiosos da poesia, porque a sua lyra é o coração e o coração se crystallisa. e

a pedra não tem sons! Raros são os levitas fieis do bello e do grandioso que não desertão o culto dos seus altares. E' honroso para ti pertenceres ao seu numero.

A nova offerenda que consagraste ás letras, é um bello quadro, sumptuoso de imaginação e simples de verdade.

.....

Segue-se a apreciação dos diversos caracteres das personagens do drama ; apreciações de subido merecimento e esclarecido engenho, mas que apesar nosso dispensamo-nos de dar aqui, por ser trabalho demasiado extenso e não comportar a natureza d'este escripto. Termina o juizo critico com estas palavras ;

Quizêra estender-me sobre o teu drama e exprimir melhor as minhas impressões e não o meu juizo ; porque este só o poderia dar a erudição e o bom gosto, e me fallecem uma e outra. Não te dou, pois, um juizo como pediste ; em viagem e as carreiras, nem mesmo a doce sensação que deixou-me a leitura de tua producção posso traduzir fielmente. Um pedido te faço : Não deixes marchar as flôres delicadas de tua phantasia aos pés dos gladiadores que se abalroão na arena, onde se esbravejão as facções. Foge d'esse batalhar inglorio.

Eu sei que tua intelligencia viril e entusiasta, tuas convicções respiradas no ambiente popular, são chamadas ás manifestações politicas da tribuna. Não deixes, porém, a cadeira do tribuno pela harpa do poeta. Póde-se merecer da patria cantando e servindo-a. Na obra da regeneração da moderna Italia entra a mão de um poeta. A litteratura é uma joia para o porvir, a tribuna é uma tuba que se emboca a favor das multidões. Em vez de uma, pódes ter duas cordas. Eu espero que conquistarás ambas e as conservarás brilhantes ; são os votos do

Teu amigo.

Como este, um outro distincto publicista e vigoroso talento, o Sr. Carlos de Koseritz, á quem o nosso amigo quiz ouvir, deu tambem o seu parecer sobre o merito do drama. Por demasiado extenso o parecer d'este, extractamos apenas algumas de suas apreciações, as quaes assignalão a Miguel Meirelles um lugar distincto na litteratura patria.

.....

Falla o Sr. Koseritz :

Sou um triste juiz critico, Sr. Meirelles, bem o vêdes pela sincera confissão que acabo de fazer. Mas, em compensação, se me falta o entusiasmo do poeta, sobeja-me dedicado interesse pela vossa obra ; sobeja-me esse interesse porque vejo no vosso drama a interpretação de sentimentos tão raros na epocha em que vivemos, vejo n'elle o preludio de uma tão brilhante carreira, as primicias de uma tão rica seára de glorias e honras para vós e vossa patria,

que do meio da obscuridade em que vivo não posso deixar de bradar-vos como o poeta inglez: Away. Away.

.....
Todo o vosso drama abunda em situações tão naturaes quão originarias; não achei n'elle a menor referencia á anteriores composições dramaticas, ficando-vos intacta a gloria de haver creado todos os caracteres e todas as situações que desenvolvem o enredo. Esses caracteres já analysados por outra e mais habil penna são admiraveis.....

Em resumo, o vosso drama é uma obra que muito vos honra, e que vos abrirá sem duvida as portas do Pantheon brasileiro, porque ninguem poderá deixar de reconhecer n'elle as primicias de um talento raro, d'uma certa vocação para os trabalhos dramaticos, que vos darão honra e gloria, se não desanimardes na senda que com tão bellas esperanças encetastes.....

O — Homem do seculo — é o producto de uma alma pura, de um coração honesto, de um espirito recto, contra a immoralidade que nas altas regiões do Estado domina o paiz.....

Li o vosso drama e senti-me remoeçar. Agradeço-vos este momento de luz e vivificante calor, que no inverno da esteril lida da imprensa politica, proporcionastes ao homem que já descrei da epocha, mas que ainda tem fé no futuro, se a actual geração tiver muitos filhos como vós!

Concluindo, ainda vos brado como Byron: — Away, Away.

Do *Sem titulo* não nos consta que externassem juizo sobre elle. Levado á scena em nosso theatro, não assistimos á sua representação, que fôra bastante applaudida.

Miguel Meirelles, tocando com mão de mestre n'essas chagas moraes que solapão e sóem corromper a sociedade, applicava sobre ellas o cauterio de sua critica, expondo em vivos quadros, no drama, esses typos dissolutos sobre os quaes inflingia o merecido castigo, dando assim á sociedade sublimes lições de moral. O *Homem do seculo* e *Sem titulo* são d'isso efficiente exemplo.

Da poesia foi Miguel Meirelles mimoso cultor. Dotado de uma imaginação viva, de um sentimentalismo poetico, congenito com sua alma bella e apaixonada por tudo quanto era sublime e magestoso na natureza, Miguel Meirelles descantava ao som de sua lyra os mimosos carmes em que se inspirava.

Algumas de suas ligeiras producções poeticas, publicadas em folhas diarias e mais particularmente no jornal o *Guahyba* onde estrearão alguns jovens talentos de nossa terra, dão-nos uma amostra de seu gosto pela poesia. Entre esses versos de que tenho conhecimento extracto para aqui algumas estrophes, que serviráõ de mostrar-nos a delicadeza e mimo de sua phantasia:

A M A Z O N A

Era um dia de festa brilhante,
Lá no topo da serra fronteira
Capellinha doirada se erguia
Da montanha, do rio na beira:

Era um dia de grande folgar
Era um dia de creença e de orar!
Como campo coberto de flôres
Mil barquinhos o rio infestavão ;
Pardas nuvens toldarão o céu
Mil ginetes na estrada voavão!...
A pocira que ao longe se via
A' amazona envolver não podia.

.....

Por extensa não damos toda, terminando com os seguintes versos :

Se a visse tão bella — Guastala
A julgava na terra madona!
Se andaluz — em arroubos clamára:
Que muger tan divina y tan mona!
E o punho seguro domava,
E ao freio o ginete cedia...
E seus olhos travessos matavão,
E a gente ao miral-a morria!
Mas um morrer
Tão deleitoso
Que eu deseioso
Morrer quisera
A todo instante,
Todo momento...
Pois é tormento
Vida sem ella,
Sem esse olhar
Que rouba a vida,
Que torna fida
Promessa vã ;
Que tudo muda
Que faz amar,
Que a liberdade
Faz desprezar.

.....

Alma retemperada no crysol da liberdade, Miguel fez mais de uma vez ouvir sua palavra inspirada no grande dia que assignala aos brasileiros a epocha memoravel de sua independencia. São d'elle os versos que selêm em um numero do antigo *Mercantil* de Porto Alegre, e forão recitados por seu autor, no theatro, no grandioso dia 7 de Setembro.

Transcrevamos alguns d'esses versos :

U M C A N T O A P A T R I A

Sempre ouvido tem meus pobres carmes
Deus — a patria — o povo — a liberdade !
Deus — como Senhor — grato os escuta
A patria — como mãe — os quer, os louva
Como crença a — liberdade os fortifica.

.....

A' patria, ao Brazil que affouto ostenta
O seu auri-pendão verde e luzente,
Por sobre os mares que Albyon governa,
A' patria nossa que, illustrando as armas,
A paz, a doce paz leva ao estrangeiro ;
A' patria que minha é, que é vossa, povo,
Um hymno consagrai, votai-lhe um canto !

E tu, anjo do céo, oh ! liberdade !
Que és bem supremo no viver mundano,
Lympha gelada n'um deserto ardente ;
Porto seguro do naufragio ao cabo ;
Osculo de esposa e mãe, sorrir de um filho :
Cõsente que uma murta em cedro triste
Te entrance a corõa que outra mão colhera.

.....

Louvai á Deus que nos fadou taes homens,
Cantai a patria que taes filhos teve ;
Jurai por ella aos sons da liberdade
Independencia ou morte ! . . .

V

Concluindo, darei a ultima de mão ao quadro, que tão imperfeitamente tenho tentado esboçar.

Miguel Meirelles foi excellente cidadão ; bom e extremoso marido, carinhoso e terno pai, leal e dedicado amigo. Na sua vida intima, o mais habil esmerilhador de novidades nunca encontrou motivos para censura. Era ali, no conchego do lar, rodeado da familia, a brincar-lhe nos joelhos os mais pequenos de seus filhos, que Miguel Meirelles revelava toda a bondade de sua grande alma. Estremecia sua mulher, filhos e sua veneranda sogra com todo o amor de que é susceptível um coração extreme de affectos e de sublime dedicação.

Tendo de fazer uma viagem ao Paraguay, por negocios de seu interesse, Miguel, parecia que se lhe partia o coração na ausencia da familia. Escrevendo do Paraguay á um amigo dizia-lhe :

Sabe como amo minha mulher; sabe como estremeço meus filhos e como venero minha sogra, ou antes minha santa mãe... Sei que você fará tudo pelos meus de quem o conheço amigo, mas tudo é pouco para o meu coração que vai lacerado, e que só o dever obriga a não recuar de um passo que me separa de tudo quanto amo e prezo na vida. Para que hei de mentir: não ha — para um homem de meus sentimentos, nada que compense esta saudade pungente que me alquebra o corpo e a alma. Não ria d'esta fraqueza, e não rirá de certo, porque se você não têm filhos e mãe como eu, tem uma esposa que o honra e o ama, e se tiver de deixal-a verá quanto eu estou sofrendo.

Pobre amigo, que dôr n'aquella extrema hora, n'aquella separação final para todo sempre!

Curto foi o seu peregrinar na terra. Com 42 annos e tres mezes, Miguel Meirelles baixou á sepultura, no dia 11 de Dezembro de 1872, depois de uma longa e dolorosissima enfermidade, que resistio á todos os recursos da sciencia, fazendo-o soffrer dôres atrozes.

Descansa, pobre amigo; teu ultimo somno não irão interromper as maldições do mundo, que a muitos inquietão as noites do tumulto, por terem á elle descido, acurvados pelo pezo dos clamores, das lagrimas e das desditas alheias.

Não, teu pobre e frio coração não estremeçerá jámais ás queixas d'aquelles que deixaste na terra.

Repousa tranquillo. A boa memoria do teu nome, que tanto prezaste em vida, amplo e farto legado á teus filhos, será como eterna auréola sobre tua campa.

Os prantos ali vertidos, as flôres que sobre elle se espalhão, as vozes que murmurão as preces pelo descanso eterno de tua alma junto á terra que te envolve, serão prantos de lembrança, flôres espargidas pela mão da saudade, vozes do coração a fallarem á Deus, á consolarem-se d'esta ausencia n'este doce enlevo d'alma em que pára o espirito entre o Creador e a creatura que perdemos para sempre.

Repousa tranquillo no seio immenso de Deus, onde tudo é paz e serenidade, onde tudo é luz de perenne e alma alegria.

Mais feliz do que nós, não verás ao menos o que mais tardios em te seguir n'esta igual jornada, estamos reservados, quiçá, a vêr e a deplorar.

Dorme amigo. Tu que tanto amavas a terra de teu berço; tu que eras tão fiel a todas as santas e puras affeições, a todas as nobres e sublimes inspirações.

Chamou-te Deus, talvez para que não fosses testemunha de scenas dolorosas que no futuro nos aguardão; para que não assistisses á agonia moral de um povo — seguro e infallivel indício de sua morte politica. Cerca-nos uma nuvem de trévas e incertezas.

O desalento — pesado manto de chumbo, cahe-nos sobre o coração : o resfolgar é difficil e custoso. No horisonte carregado avulta um ponto negro que presagia horrivel tormenta.

No futuro um véo de trévas a encobrir talvez graves infortunios.

O paiz, como um moribundo, entregue ás mãos da impericia e ignorancia, acha-se ameaçado a passar por violenta crise ; para salvar aquelle, é muitas vezes impotente a sciencia e . . . só um milagre o cura ; para salvar a este, será preciso, quem sabe, igual milagre . . . merecel-o-hemos de Deus ?!

F. DE A. VALLE MACHADO.

Rio Pardo, Março de 1873.

MÃI DO OURO

IV

VOZES D'ALMA

Assim travessa criança — a fascinação da desventura.

Ergueste te um dia alegre e descuidosa. Tua alma límpida e pura é um espelho polido onde seus pensamentos se retratão alvos e transparentes como flôres de espumas.

Mas fitas um dia um typo formoso; teus olhos irresistivelmente se mergulhão na contemplação dessa doce visão. E ella já ha desaparecido e teu coração ainda segue-lhe os passos, e tua imaginação acompanha-n'a nas sinuosidades da vida.

Turbou-se a límpida transparencia de tua alma, achamaltou-se seu seio, e no crystal aberto burilou a mão da dôr a imagem fagueira da visão de teus sonhos!

Ai, ingenua criança! Nesse dia a desgraça fabricou no macio de teu seio o espinhoso ninho onde te acalentaráõ pesares.

Esquece e foge emquanto é tempo. Depois será tarde!

A seducção te terá enovelado na aspera tóga da desgraça, em que se atufará teu moreno corpinho todo dolorido!

Oh! se amas a felicidade de tua vida, a doçura de teus dias risonhos, a placidez de tua alma e o socego de teu espirito — fecha os olhinhos luminosos e foge.

Se não . . . depois embalde ensaiarás na rubra boquinha arqueada, em que devera sempre a dourada alegria pairar como o beija-flôr sobre a açucena meliflua, um sorriso provocante. Farás então inutil esforço. Em teus labios pallidos e descorados desabrochará apenas á custo tristonha flôr do soffrimento.

Não debruces de teu ninho de felicidade sobre o penhasco erguido o corpo leve e gentil para o remanso das aguas do lago, que a sua borda borbulhão com suavidade.

Não te debruces assim. E' bello vêr-se as aguas azues ondearem tremulas de beira a beira espadanando no limpido regaço os raios fulgidos do sol em myriadas de estrellas que fluctuão no calice das espumas. Mas olha, criança, que nesse leito brando onde as irerês adormecem, placido e immovel quasi, ha o abysmo que devora. Nesse seio transparente, gracioso como uma caricia se occulta a voragem engulideira.

Não fites os olhos amorosos na ondulação das aguas que trepidão e oscillão na bacia do lago: olha que tua fronte vacilla, que a vertigem se apodera de tua alma como a brisa se esfrola na ondulação das vagas. O pégo tem attracção que arrasta, e o magnetismo da morte ali attrahe a vida.

Gentil criança, varre sempre de teu espirito a imagem traiçoeira que n'elle buscar gravar-se! Muita vez na toga purpurea e roçagante da felicidade a desgraça se occulta!

Varre, gentil criança, varre sempre de teu espirito a imagem que n'elle buscar gravar-se!

Queda, quieta e placida, na existencia que leva, a tua alma immaculada, cerra teu coração ás emoções do amor, porque isental-o-has das agruras da desdita.

Jámais fites ninguem com os olhos do intimo. Teu coração dá-o a tua mãe, dá-o a teu irmão. Não busques outros carinhos nem outros affectos. Olha, criança, que um instante de prazer te trará cem dias de lagrimas.

Nunca escaldou-te as palpebras o pranto de amor; nunca ferio-te o coração o espinho do infortunio; nunca o sentiste estringir-se sobre o peso da saudade. Foge d'estas emoções dolorosas, se queres a continuação da tua felicidade, se não queres que amanhaça algum dia a tua suave belleza, pallida e triste como uma flôr de borrasca desabrochada na ondinhá de costeiro mar.

Foge, criança. Não fites os olhinhos negros, tão bellos e tão gentis na imagem formosa que se debuche em tua mente. Não fites que essa imagem é fatal. Te parecerá prometter um mun-

do de felicidades e te dará um mar de dôres. Te mostrará flôres e serás ensanguentada por seus espinhos.

Te acenará com carinhos; buscar-te-ha chamar a si, cobrir-te de affagos . . . mas não olhes, foge!

Em seu sorriso borbulha o torvellinho da traçooira caricia, e em seus olhos scintilla a fascinação irresistivel.

Não o fites. Foge á attracção, liberta-te do seu magnetismo, do iman que te arrastará, se não te subtrahires em tempo á sua fatal influencia, até a negra cava em que remoinha o ignoto dos pezares . . .

Senão . . . serás submergida na negra onda e devorada pela dôr que te attrahio, como o sapo pela jararaca esfomeada.

Criança ! é tempo ainda.

I A H O U A

V

PRESENTIMENTO

Annita quasi asphixiada de admiração e de horror, contemprou todas as peripecias singulares da medonha scena. Toda arripiada e dolorida vio o desgraçado sapo sepultar-se na guella profunda da jararaca : e depois o reptil inchado esticar-se saciado no gramado para fazer a digestão sob o olho do sol.

Então livre da stupefacção que a gelava, affastou-se correndo, tremula ainda de susto, a todo momento tropeçando, para a casa. Lá atirou-se chorando nos braços da mãe admirada. Era a primeira vez que tal succedia.

Entre lagrimas copiosas que derramava relatou o que presenciára.

Tal impressão lhe causou a scena singular, tanta emoção produziu, que n'essa noite não pôde dormir. Sentia um vago doer, um ineffavel aperto de coração, que a suffocava.

O travesseiro amanheceu embebido em pranto; a alvórada topou a cabecinha gentil ainda sem o somno adejar-lhe ao redor, e os olhos negros e scintillantes contemplarão o sahir do dia embaciados e amortecidos.

De que chorava ella?

De pena da victima, de ferida a corda de sua ingenua sensibilidade ou de temor e receio?

Ou turbaria a placidez d'aquella alma a nuvem de algum presentimento?

Teria um acaso fatal n'aquella tragedia pavorosa traçado a allegoria de seu destino?

Annita nunca mais se approximou da *lagôa das embirinhas*. Sempre que avistava de longe aquella lamina d'agua fulgente brilhando na campina, destacava no risonho scenario a representação do lúgubre quadro, que a apavorava ainda.

Seus passos guiava em outra direcção e ia travessear além nas moitas floridas da campina, ou nas ensombradas alamedas da restinga.

VI

A C O R A L

O sol vai alto, e desparge os raios louros já quasi a pino sobre a cõpa rugidora e fluctuante do mato.

Annita sequiosa de luz, de ar, e liberdade, enfastiada da monotonia diaria da casa á essas horas, saltou para o campo.

O seu pé agil e lésto calçado em tamanquinhos de couro de terneiro mal roça no chão.

Desce ligeira a ladeira, colhendo florinhas do campo, aqui uma roxa jurujuba, ali um amarello barbiricó.

Atravessa a planicie que se estende entre a ladeira, a restinga e o mato, e some-se através as cortinas de folhagens.

A sua natureza apraz deleitar-se nas doçuras silvestres do deserto, como a jurity em gemer nas sombras.

E' sempre com voluptuosidade indefinivel que ella bebe á góles leves as auras da mysteriosa região das arvores.

E' sempre com a mais suave emoção que ella contempla a dubia luz vacillante do dia coada pela escura folhagem a bambalar-se nas tremulas arcarias de lianas, e que vê estender-se ao infinito, encordoados os robustos troncos de tarumãs e ubás em pé com a cabeça unida nos céos verdes das ramagens, como gigantes petrificados de gerações que forão, nas rarefeitas trévas de mysterioso templo, phantastico como um sonho de loucura.

Por vezes intensa calmariase desdobra pelas profundas naves. Um rumor aério sequer, um pio semi-esvaído de implume *filhotinho* não turba o silencio immenso. Outras vezes a floresta agitada por ventos encanados é uma orchestra gigante que freme em gritos sonoros e retumbantes, em harmonias cheias e profundas: — on semelha então uma harpa encostada ao peito da natureza em que suas mãos febris ou languens desferem melodias apaixo-

nadas e vibrantes, ou idéaes queixumes e tímidos accents desferidos á medo.

Annita, cheia de temeroso respeito, penetrã n'estes reconditos sagrados commovida e tremula, com a vida toda no coração reconcentrada. Ahi a idéa de Deus mais grandiosa se revela, pairando na obscura immensidade, e ella sente-se deslumbrada palpando o ignoto que se revela.

Não sem cuidado encaminhou-se por entre as arvores, tendo muitas vezes de contornar em desvio reboleiras inextricaveis de cipós, tunas e plantas espinhosas, que se enlaçavão ao tronco e galhos de alguma grossa batinga, envolvendo na mesma rede arvores proximas, estabelecendo assim de permeio um mundéu terrivel murando a passagem nos vãos das arvores.

Ai do incauto, que vendo ali fragil barreira á ella se atirasse, suppondo com braços possantes destruir tenras enredças! Preso se debaterá debalde, porque não conseguirá senão ennovelar-se cada vez mais, e exaurir as forças arrojado nos liames ferreos de espinhosos cipós.

Annita quando via d'esses estorvos passava além, embora sua marcha descrevesse zig-zagues.

A poucos passos uma corticeira nova buscava em um vão das arvores estender seus ramos em busca da luz de cima. No seio que formava, onde o tronco repartido em tres se alargava em amplo regaço, vicejava uma moitinha de parasitas que se tinham alastrado ali, e já estendião baraços e raizes longas, que começavão a cavalgar nos galhos-mestres. Uma restea de sol filtrada por entre a ramagem se espojava voluptuosa sobre as parasitas, que crescião no regaço musgoso. Uma cachofa de flores rubras esplendidamente banhava-se n'essa ondinha de luz affagada pelas auras macias da selva.

Annita, extasiada ante a formosura da flôr, sentio como toda a menina bonita, o desejo irresistivel de possuir, de beijar, de affagar, de sentir seu emfim, aquelle mimo gentil da caprichosa natureza. Por minutos contemplou com amor e enlevo a rubra cachofa. Erão tão bellas as tres parasitas! que á estavam tentando.

A menina não pôde resistir.

Approximou-se da corticeira, ergueu-se sobre a pontinha dos pés, estendeu o torncado bracinho, segurou o ramo de parasitas, partio a haste e colheu-a com as flôres que na ponta se prendião.

Mas, subito a sua mão tremeu e deixou desfallecida calir no chão o ramo de flôres, emquanto seus olhinhos assombrados fais-cavão fitos no regaço da corticeira.

Silvando, levantou a cabeça, sobresaltada pelo ruido que sentio da haste ao partir-se, uma cobrinha escura salpicada de es-

carlate com frisos que se dirião dourados, delgada como um rebento de cipó, ligeira enroscou-se em espiral e arremessou o collo para diante como para dar o bote; mas estacou, desenroscou-se, esgueirou-se por entre as folhas espalmadas das parasitas e sumio-se.

Era uma cobrinha coral.

Annita assustada recuou, e voltou sobre seus passos, com o coração gelado de susto. Lembrou-se da jararaca magnetizando o sapo, e uma lagrima de piedade em que havia o azedume de um sentimento inexprimivel, brilhou-lhe entre os cilios velutados e rolou ao longo das palpebras.

VII

O BEIJA-FLORES

Quando Annita chegava á orla do bosque despertou-a de sua abstracção um ruido subtil, que commoveu um ramo de camboim apinhoscado de flôres. Um véo odorifero de petalas brancas deslaçou-se e se estendeu no chão. A folhagem do galho levemente agitada ramalhava de mansinho, e um zumzum mavioso adejante lhe borboleteou no ouvido.

Ella levantou a cabecinha gentil.

Um beija-flôr travesso e disfarçado osculava com empenho pela centesima vez as flôres do camboim. O sol cascadeando ouro em borbotões esmaltava de *louros toques de luz* a côma esmealdina da floresta, e desenlaçando uma facha luminosa ao redor da matta, projectava-lhe na orla ondas douradas braças a dentro sobre o adyto sombrio.

O beija-flôr ferido por um d'esses raios da facha luminosa, girando no ar, parecia um volatil rubim incendiado, attido no ambiente a trepidar pela força de attracção de corpos inconsuteis. A sua continua oscillação, ainda mesmo quando pairava nas azinhas a beijar um buquê, produzia na vista uma trepidação tal, que mal podia-se distinguir-lhe os contornos.

Todos os prismas do iris scintillantes e furta-côres se reflectião n'aquella estrellinha da terra! todo o brilho das espheras se estrellava n'aquella *flôr celeste*, que dir-se-hia uma lagrima de sol atirada ao mundo, nas azas invisiveis dos raios impalpaveis fluctuando.

Annita abysmada em tanta belleza, douda de prazer e de vo-

luptuosas sensações, com os olhos brilhantes pregados na joia volátil inextimável, que parecia querer engulir-a, pôz-se a admirar-a em extasis.

O beija-flôr andou ao redor do camhoim, beijando uma por uma as já mil vezes beijadas fiôres, ora elevando o vôo, ora baixando-o, denunciando no irrequieto vôar continuo, tenaz sobre a mesma arvore, a raivasinha que o remordia. Annita percebeu logo que elle tinha n'aquelle camhoim, occulto na folhagem na extremidade d'algum ramo um ninho com ovos ou filhotinhos; e teimou em não se mover d'ali, que elle mesmo impaciente em recolher-se á elle, lh'o havia de mostrar.

De facto elle por varias vezes tentou enveredar para a ramagem, mas estacava em presença de Annita. De repente, porém, enfiou o vôo a um galho inferior e desapareceu nos véos da folhagem, ennastrados de flores do camhoim. O zum-zum das azinhas fendendo o ar de todo cessou. Elle que havia sahido do ninho assustado pelo ruido dos passos de Annita no capim, de novo á elle se recolhia.

A menina marcára com os olhos o ramo em que elle se tinha sumido. Para lá com cuidado e vagar dirigio-se cautelosamente. A minima folha não rangia sob seu pésinho; o minimo signal não denunciou a sua aproximação.

Quando já perto se achava, de novo subito ruido se fez ouvir e o mesmo zum-zum do passarinho librando-se nas azas. Aproximou-se e descortinou entre alvissimas fiôres, na extremidade do galho, construido um leitossinho de musgo ferrado de macio e tépido cotão. N'elle brilhavão dois ovinhos pequenos e alvos como gottas de leite coalhadas no biquinho d'um peito cheio e voluptuoso.

Annita contemplou-ós, sem os tocar, com amor e carinho; depois afastou-se apressadamente.

O colibri esvoaçava raivoso espicaçando as fiôres e o zum-zum mavioso de suas azas librando-se nos arcs enchia o ambiente de notas ineffaveis.

Dias depois visitava Annita o ninho: e nunca mais deixou de a miudo tornar a vel-o.

Em una occasião em que lá appareceu, vio em vez dos ovinhos que deixára, dois bichinhos cabeçudos e implumes. Erão os filhinhos recém-descascados do beija-flôr.

D'essa data em diante a sua solitudine augmentou. Dia nenhum mais se passou em que ella não fosse vêr os seus protegidos.

Os filhinhos forão crescendo e dentro em pouco estavam completamente empennados.

Então teve ella vontade de tomal-os para si e leval-os para

casa ; mas tinha pena dos pais que tão afflictos haviam de ficar, quando se vissem sem filhos. E indo ao mato resolvida a trazellos, voltava pezarosa, tendo-os deixado ficar.

N'esta pendenga intima entre sentimentos adversos alguns dias decorrerão.

Em uma manhã chegou-se ao ninho com a tenção formada de levar consigo os filhotinhos. Chegou-se bem perto.

Na ponta do galho oscillante o ninho de leve se balançava ao alcance da mão.

Annita tibia e indecisa estendeu para elle o bracinho machinalmente... e deteve-se immovel. Para que ir turbar aquelle innocente remanso de felicidade? para que arrancar aos progenitores os seus filhinhos?

E a sensibilidade de seu coração lhe paralysoou no braço o mando da vontade. Travou-se no intimo da menina a lucta do coração generoso com a inflexibilidade de uma tenção egoista.

Predominou o coração. Ella recuou a mãosinha.

Os filhotinhos desde muito inquietos, com o movimento de retirada da menina, se assustarão. Confiando na força das debcis azinhas, fizeram um esforço e derão um *avoão* curto e rasteiro para fóra do ninho.

Os pais vendo o perigo dos filhos esvoaçavam dando guinchinhos agonizados.

Sem apoio nas fracas e inexperientes azinhas tombarão no chão arquejando de cansaço.

A menina soffrega e fóra de si, diante do perigo de nunca mais tornal-os a ver, lembrança que logo lhe occorreu sinistra, — para elles arremessou-se.

Levantarão de novo o timido vôo, rastejando no chão. Um cahio exaurido de forças n'um macegal carrasquenho de guaxumas e carrapichos; o outro mais debil rojou desfallecido no solo e dentro em pouco debatia-se na mãosinha setinosa de Annita.

Os pais esvoaçavam dando guinchinhos de dôr.

Debalde a menina campeou o outro no macegal, debalde resolveu o fachinal: não o pôde pilhar.

Ao inverso das vezes em que vinha para casa com as mãos abanando, n'esse dia voltou a menina trazendo um beija-flôr-sinho com ^{sig.}

O formoso passarinho tornou-se para ella o seu carinho, o seu amor.

Horas esquecidas passava a admirar o dourado cambiante e multicôr do esvelto corpinho; a contemplar o reflexo do sol a brincar na linda plumagem; a passar a mãosinha meiga na becinha colorida, a amaciar-lhe a escintillante penugem.

Para elle era reservado o mais doce favo da mandaçaiá dis-

tillado em agua; do mel mais saboroso da lixiguana tocava-lhe uma ração.

O beija-flôr com tanto carinho tratado, creou amor á sua gentil senhora, e não passava um instante longe d'ella.

Se a menina se afastava, elle a seguia esvoaçando ao redor de sua cabecinha negra. Algumas vezes pousava-lhe no hombro e assim percorria a casinha inteira sem afadigar-se; outras vezes empoleirava-se-lhe no dedinho fino e não o largava.

A menina retribuia-lhe amor com amor. Tão enamorada estava do seu scintillante companheiro, que toda dedicada a elle, nunca mais transpôz a soleira da porta para ir travessear lá no fundo da varzea atrás das ligeiras borboletas.

De ter libado em algumas occasiões o nectar delicioso na boquinha, gentil como uma rosa ao desabrochar, elle recordado com saudades lhe adejava sobre a boquinha, e introduzia entre os labios escarlates o sequioso biquinho longo e afilado como um espinho grande de urumbeba.

As vezes quando elle teimoso pairava nas azinhas a pedir-lhe um beijo, a travessa menina negaceando-o, ora inclinando meio corpo para um lado, ora para outro, lh'o negava com tanta graça e donaire, que dir-se-hia dois colibris amantes em travessuras de amor.

Assim passarão-se alguns mezes.

O beija-flôr attingio á nubilidade e começou a apresentar o desenvolvimento característico d'essa idade. A plumagem que o revestia comêçou a cahir e outra nova a despontar.

Como era de esperar ficou enfraquecido da muda e tornou-se mais macambuzio e jururú. A solicitude da menina cresceu e tornou o colibri alvo de mil cuidados. A sua refeição de mel era a todos os momentos: a todo o instante a sua meiguice o afagava: elle saboreava impressos na cabecinha os seus mais papudinhos beijos.

Em pouco havia despido a pennugem da infancia e revestido a plumagem da mocidade: perdido a graça infantil e adquirido o esplindo donaire nubil,

A menina extasiava-se então em admirar em um entesinho tão pequeno, um conjuncto de tanta belleza e seducção. Que viveza nos olhos negros bailadores; que conformação correctá de cabeça; que collo longo e flexivel! que mimo nõ todo!

Era uma joiasinha magnífica. A pennugem que lhe vinha estofando o corpo era d'um verde cambiante todo dourado, que se arrufava com os intersticios mais fracos ou mais fortes de sol, em lindissimo azul; que se chamalotava conforme a gradação de sombra ou luz, em carmesim, ou esvaía-se em uma cõr de labareda a extinguir-se. Debaixo do bico até á extremidade do

collo se dilatava um semicirculo de penninhas arredondadas sobrepostas como escamas de peixe. Na sombra parecia o estofado do collo, visto em distancia, um escudo negro de instante a instante arrepiado, conforme se movia o corpo, por tenues raios que ligeiros fulgião e ligeiros se esvaião, rubros como coriscos.

Se voltando-se para o sol, um reflexo do astro rei lhe batia em chapa, o estofo de penninhas-se incendia em um fulgor deslumbrante, que os olhos feridos á custo contemplavão. Parecia atear-se flammæ na aurea pennugem, e arder-lhe no papo a accesa brasa.

No pescoço dourado se enroscava uma colleirinha branca que findava debaixo do bico, onde começava a dilatar-se o peitoral furta-côres, e sobre as azinhas nos encontros se estendião duas listas claras. O ventre tinha-o cinzento arroxeadado para baixo das azas. Cada detalhe — um mimo; o todo conjuncto encantador.

Se o mimoso colibri alçava o vôo e esvoaçava no quarto, pairando nas azinhas inquietas, no agitar continuo que as torna quasi invisiveis, a menina-o admirava em extasis, ciosa de não ter tambem umas azinhas para em desafio adejar com elle. E o beija-flôrsinho, pequeno quasi como um insecto, borboleteava nos ares, zumbindo como um maribondo ao redor da cabecinha gentil.

Ella n'elle depositára sua alegria e felicidade: elle adorava sua senhora.

E assim vivião felizes.

VICTOR VALPIRIO.

(Continúa).

MULHERES

COMEDIA EM 4 ACTOS

ACTO III

A CASA DE LOBEIRA

Sala riquissima em casa de Lobeira. Portas no fundo que dão sobre outra. Sala tambem luxuosamente preparada. Portas lateraes

PERSONAGENS

PANURGIA.
PANCRACTIA.
HENRIQUETA.
JOSEFINA.
ANNINHA.
LOBEIRA.
LANDULPHO.
O DR. LELIO.

SCENA I

Panurgia e Pancracia

PANUR. — O' minha Pancracia, não durmo ha quatro dias! O casamento de Landulpho tem-me causado tanto incommodo! tantas agonias! Não posso mais; hei de impedil-o a todo transe. Descobrirei minha falta... é preciso confessar que são irmãos! Meu Deus, que vergonha! O desprezo do mundo, o odio de meu marido e a perda do amor de meus filhos! Pancracia, falta-me coragem... E Landulpho como não me accusará, quando souber que houve uma mãe bastante desnaturada para engeitar seu filho?!

PANC. — Deixe estar D. Panurgia que eu tocarci os páosinhos, de maneira que nada lhe possa acontecer de peor.

PANUR. — Como?

PANC. — Não me interrogue. Tenho minha idéa, quando tiver obtido algumas informações que me faltão... Enquanto á Landulpho protesto que ha de amal-a...

PANUR. — Se soubesses como o amo!? Como na fatal noite em tua casa, senti impetos de abraçal-o, beijal-o! Pobre Landulpho! sem os carinhos de uma mãe até hoje!

PANC. (*escandalisada*) — Sem os carinhos d'uma mãe?... Engana-se... Talvez que ninguem o ame como eu e minha irmã Marianna...

PANUR. — Offendi-te, tens razão; perdão, minha boa amiga. O sentimento tambem céga. Esquecia que a terra tem poucos corações como o teu, cheio de abnegação, nobreza e amisa-de. Perdôas, não?

PANC. — Perdôo-a e amo-a, porque a senhora tambem é mãe de Landulpho. Não sou como as parteiras Quiteria e Anastacia. Ellas não sabem que nossa profissão é como a do medico e do padre.

PANUR. — E teu plano restituirá o amor de meu filho?

PANC. (*maliciosamente*) — Não só ha de restituil-o, como ha de ter o proprio consentimento do Sr. Lobeira.

PANUR. (*abraçando-a*) — Ah! minha boa Pancracia, se soubesses de que pezo me alivias?! Este baile que em uma hora vai começar, ia ser nun supplicio...

PANC. — Póde folgar porque é vespera de grandes alegrias.

SCENA II

As mesmas e Lobeira que entra com um pequeno gral de marmore e com a mão do mesmo

LOB. (*vendo Pancracia*) -- Ah! velha feiticieira, não estarias aqui, se não fôra a decisão de Landulpho... Não sabes, minha mulher, por força quiz convencer-me que o autor de tudo foi o Anacleto... Deus o tenha em sua gloria... Elle que me ajudou em tantas preparações contra os tuberculos! Faz-me hoje tanta falta!... Se visse com que affã não tomaria parte na essencia do guaco, que, com a sua mania do latim logo chamaria *extractum quaco?* na grande descuberta que só pôde debellar o terrivel flagello de que sou victima...

PANC. (*que tem tentado interromper-o varias vezes*) -- Creia, Sr. Lobeira, que Landulpho é innocente.

LOB. (*erguendo a mão do gral*) -- Innocente!? Elle que se achava com minha filha n'um quarto de tua casa? Innocente!? (*Butendo com furia o gral*).

PANUR. — Tu pensas assim, Manoel, ninguem te contradiz.

LOB. (*movimento igual*) -- Pensar só?! A verdade nua e crua como a essencia do guaco; a realidade como uns tuberculos seccos que trago afferrados nas proeminencias do parenchymo pulmonar. (*Deixando cahir os braços com desanimo*)... Sim, uns tuberculos que hão de matar-me!...

PANUR. — Vai descansar, Manoel... Taes movimentos de cólera devem fazer-te mal.

LOB. — Tens razão, Panurgia, é preciso deitar-me... Fica tu á espera dos convidados... Desculpa-me com elles.. (*tossindo*) Que tosse!... Quem vai preparar-me o chá de perpetuas com três gottas de essencia de guaco?

PANUR. (*á Pancracia*) -- Tu me farás este serviço, não?

PANC. — Sim; mas antes de tocar o Pindahiba quero retirar-me. As ruas não são seguras. Há trez dias os ladrões forão á casa d'uma de minhas visinhas, e se a não, matarão deve agradecer-se a um milagre... Só um milagre D. Panurgia, porque não ha policia que os contenha. Tambem as patrulhas dormem a somno solto na escadaria e adros das igrejas, quando não ficão estiradas nas vendas... Ah! tempos! tempos! Quem vio Porto Alegre e quem a vê! Como tudo mudou?! Na revolução havia mais segurança do que hoje...

LOB. (*impaciente*) -- E' egoismo imperdoavel pensar sómente em si, quando ha um doente a tratar-se.

PANC. — Sim, sim, mas apenas toque o Pindahiba...

PANUR. — Não ha duvida... Vamos (*Leva-os á porta. Lobeira e Pancracia sahem*).

SCENA III

Panurgia só

PANUR. — Pobre homem! Acaba doido afinal! E no entanto, se minha consciencia não tivesse a remorder-me d'um crime, talvez supportasse com mais animo o golpe que o ameaça! A vida inteira é pouca para a expiação de minha falta...

SCENA IV

A mesma e um escravo

ESCR. — O Sr. Dr. Lelio está ali.

PANUR. — Fal-o entrar.

SCENA V

A mesma e o Dr. Lelio que entra. Cumprimentão-se

DR. — Corri pressuroso ao convite que V. Ex. fez a honra de enviar-me. Não amo a vida dos salões, mas sei apreciar a franca alegria, a expansão dos prazeres que ali borbulla. Mesmo a effervescencia de jubilos n'um baile é contagiosa, envolvepece, seduz, e para quem tem uma vida como eu, é quasi sempre uma necessidade. Depois... V. Ex. domina, e o homem por mais insensivel que seja, sente em certas occasiões o desejo de respirar na athmosphera magnetica da belleza...

PANUR. (*sorrindo*) — O' doutor! Desde quando a medicina queima o insenso dos galanteios?

DR. — Desde o momento que vê a V. Ex.

PANUR. — E continúa?! Onde está o ar de gravidade de que medicos e padres fazem ostentação?

DR. — Crê V. Ex. que nossa missão não é de per si bastante espinhosa? Porque prohibir-nos os escassos instantes de jovialidade? Eu sei, ha medicos que, não tendo uma lagrima para as dôres e o spectaculo sempre triste e desolador da morte, affectão ou mostram realmente a mais impassivel indifferença no gesto e na palavra; porém mentem...

PANUR. — Mentem, disse o doutor!

DR. — E' verdade, mentem a um sacerdocio. O medico e o padre dão-se as mãos junto ao leito do enfermo e sobre o tumulto que se abre. Ha nove annos comecei os mistéres da clinica, e hoje como n'aquelle tempo, sinto quasi que as mesmas emoções. Não transponho a soleira do lar, onde móra a angustia, com o rosto de marmore que regela e mata a esperanza e a crença. Quando uma familia encontra quem compartilhe de suas dôres, depara n'isto só um motivo de consolo. Nem se diga que assim pratico por effeito de calculada convicção, é porque devéras o sinto. Seria imperdoavel hypocrisia fazer ao contrario. Não ha homem da minha profissão que não creia em tal verdade ou aphorismo, ao menos, durante o curso academico. Depois, ou o quadro constante da morte, ou o telonio da vida positiva, onde róla o oiro na postergação d'um dever, parece ossificar-lhes o coração e revestil-os da friesa e indifferentismo que offendem o infortunio.

PANUR. — Infelizmente nem todos o comprehendem assim. Porém, quanto sacrificio não é necessario?

DR. — Porque não procurei as doçuras do lar! Porque esmaguei myriadas de sonhos e aspirações que me esfrolavão a mente de moço? Porque, quando outros atirão-se desenfreadamente nos braços da politica, permaneco inabalavel á suas seducções? Imperiosas exigencias!... O medico estuda sempre, portanto precisa de repouso e bonança em torno a si: o medico é um supremo levita, tem por dever de exhaurir o ultimo esforço no combate em que pleitêa existencias, contra a morte. E agora que me conhece, tal como sou, quererá negar-me algumas horas de prazer?

PANUR. — Não; fui injusta até em confundil-o com a turba multa de seus collegas.

DR. — Póde confundir-me, ainda que elles calumniem-me sem piedade, traduzindo em actos menos louvavéis o que minha consciencia diz-me ser meritorio e bello. Não tenho tempo para lembrar que me fazem mal.

PANUR. — Admiro-o cada vez mais, doutor. Tanta magna-

nimidade é rara em nossos tempos, em que homens do mesmo officio guerreão-se com espantosa acrimonia.

Dr. — É ainda de meu dever rectificar um erro em que V. Ex. se acha. Não sou o unico que professa semelhantes idéas; outros ha, aliás mais intelligentes, que pautão sua vida do mesmo modo.

PANUR. — Aproveito o ensejo para fallar-lhe em relação á doença de meu marido, a mania da phytisica.

Dr. — Mania?

PANUR. — Todos o dizem, por se achar elle bem nutrido.

Dr. — De que se queixa elle?

PANUR. — Do pulmão.

Dr. — Os tuberculos que se formão na parte superior dos bofes, emquanto seccos, não affectão a mechanica do organismo; em periodo posterior é que elles trazem deperhecimento diario; portanto quem sabe se não ha enfermidade real? É tambem a causa da excessiva mortalidade de phytisicos, a incuria por que tratão os primeiros symptomas. As apparencias enganão. Não julgão grave, porque o mal ainda está latente, de modo que, quando chega a demonstrar-se, é no seu maior desenvolvimento, quadra terrivel, durante a qual é necessaria toda a pericia na cura, todos os cuidados para o doente, e da parte d'este um espirito forte que não se deixe dominar por apprehensões crueis! Então a missão do medico ou sublima n'uma cura quasi milagrosa ou quebra-se n'uma impotencia desesperadora. (*Commovido*) Se soubesse como é horrivel vêr a morte destruir fibra por fibra uma existencia, e nós seus inimigos, mudos, com os braços cruzos, a estremecermos a cada oscillar d'uma pendula? Nem se debuxa o augeio que nos vai por alma! É horrivel! É horrivel!

PANUR. (*commovida*) — O doutor começa alegre e agora falla com tanta angustia!

Dr. — É para vêr como nos são fugaces as alegrias! Deixemos, porém, tristezas; um baile é o lugar menos proprio. Amanhã examinarei o marido de V. Ex., e procurarei cural-o, ou seja phytisica ou monomania.

PANUR. (*admirada*) — A mania?!

Dr. — Um facto lhe explicará. Um celebre philosopho, de nome Malibranche, homem de genio, e sobretudo de uma imaginação vivida, ardente e superiormente creadora, cahio em analogo desvario, com a unica differença de ser mais monstruoso. Um dia ergueu-se triste e desanimado. Tinha a mais profunda convicção de que trazia um presunto suspenso ao nariz. É das mais estranhas aberrações de que tenho conhecimento, e uma das mais presumiveis de incuravel.

PANUR. (*sorrindo*) — Um presunto no nariz!? Parece incrível!

DR. — E no entanto elle o via impendente, palpava-o. Chamando profissionaes, uns rirão, outros procuravão desconvençello do que, para elle, era tão visível como o proprio nariz. Contrariar um transviamento d'esses é o melhor meio de amplial-o. Assim aconteceu. Malibranche emmagrecia a olhos vistos, quando engenhoso amigo veio salval-o.

PANUR. — Pois foi possível?

DR. — Foi. Eis como: O amigo do philosopho convencionou com outra pessoa sobre o que lhe competia fazer, e foi ter com Malibranche. Este estremeceu de contente ao ouvir dizer que havia quem o curasse. Sujeitou-se a uma operação. durante a qual tomarão todas as precauções para evitar que elle visse a fraude; pois o medico, ferindo o nariz, deixára cahir de sobre o casaco um enorme presunto. Poucos dias depois recuperava a saúde perdida. Creia V. Ex. que o melhor meio de combater uma idéa fixa é annuir e não contrariar, crêr como o enfermo crê, pensar até como elle pensa.

SCENA VI

Os mesmos e o escravo que entra

ESCR. — As familias dos Srs. Gonçalves e Araujo.

PANUR. (*ao escravo*) — Fal-os entrar para a sala (*ao doutor*)
Faz-me o obsequio de seu braço, doutor. (*Sahem*).

VII

Laudulpho só

LAND. (*entrando*) — Já virão maior desafôro? Por força querem dar-me uma paternidade que recuso a pés juntos! Eu estouro... Mãi Pancracia, consola-me, diz-me que depois de amaibã ha de desfazer tudo; mas, qual! Nem mãi Pancracia, nem consolações, nem o diabo! Dão um baile para annunciarrem, de certo, que vou ser pai do filho do boticario Anacleto...

Já virão maior desafôro?! Não, isto acaba; quero encontrar a sós a tal Henriqueta de meus peccados... quero convencel-a até os olhos de que não engulo pillulas!... Ora!... Maldito Anacleto! Morreu, deixando uma herança que não quero por preço nenhum... (*Pausa. Pensativo por instantes*). Vamos encontrar Henriqueta... (*Sahe por uma porta, enquanto Henriqueta, Josefina e Anninha entram por outra*).

VIII

Henriqueta, Josephina e Anninha

JOSEF. (*rindo*)... — Quem diria? Henriqueta a namora-deira por excellência vai encerrar-se afinal no casamento!... Adeus, fêstas e folias!

ANN. (*o mesmo*) — Não creio que muda. Achou um compauheiro folgazão.

HENR. (*o mesmo*) — Discursem, minhas amaveis senhoras, discursem. Eu tenho, como um deputado meu conhecido, um eterno apoiado...

ANN. — Mas não nos dirás que significa semelhante casamento?

JOSEF — Nada mais natural: o desfecho d'uma comedia. Henriqueta tem a paixão do comico como eu tenho a do tragico. Assim querem que eu conte a ultima tragedia que fiz representar n'esta mui leal e heroica cidade de Porto Alegre?

HENR. (*admirada*) — Já outra?! Conta.

ANN. — Conta-nos.

JOSEF. — Conhecem um estafermo de deoito annos, de nome: José Varena?

HENR. E ANN. — Não.

JOSEF. — Não importa o nome... Pois foi elle o protogonista de minha tragedia. Veio acerca de mez morar em frente á minha casa. Vocês sabem perfeitamente como se faz um franguinho de botica morrer de amores: algumas attitudes romanticas, dois ou tres olhares expressivos, uns sorrisos que dizem muito, não dizendo nada. Assim foi. O meu heróe no primeiro dia esteve acanhadissimo, sem geito em sua janella; no segundo aventurou-se a sorrir com pudicicia; no terceiro olhou-me já como conquistador; no quarto trazia um lenço que atava em fôrma de abraço, attenção a que correspondi-lhe; no quinto apre-

sentou-se com uma carta, em resposta meneei a cabeça affirmativamente. Recebi a missiva amorosa. Querem vê-la?

HENR. E ANN. — Pois não; ha de ser interessante!

JOSEF. (*tirando a carta*) — Eu sabia que vocês erão filhas de Eva... (*As outras agrupão-se em torno de Josefina que lê*) « E' com a mão tremula... » Só a mão! Coitado!... (*Continuando*)... « e o coração na mais angustiosa flamma, que ousou dirigir-me a ti, anjo celeste, »...

ANN. (*interrompendo-a*) — Pobre coração! deve estar em cinzas.

JOSEF. — Com os apartes não termino hoje, e o baile não tarda começar. (*Continuando a leitura*)... « Vê-a e sentir a verdade das pinturas de Venus que eu considerava fabulosas, foi um momento. »

ANN. — Bem se vê que sahio do collegio o menino; como meu mano Henrique, só falla de mythologia.

JOSEF. — « Vê-la tão pura como Diana, tão altiva como Juno, tão amorosa como Hero, ai meu Deus, foi sentir as delicias de Cupido dentro do peito! Cruéis delicias que tirão-me o sono, não deixão-me nem comer! O amor é doce, mas seus effeitos são como a tunica de Nesso, trazem a morte; seus desejos são como os de Tantaló, ou como o tonel das Danaides, que, por mais que encha, sempre está vasio... »

TODAS (*rindo*) — Ah! Ah! Ah! Que asneiras!

ANN. — O idiota considerou-te uma divindade da fabula, já se vê...

JOSEF. (*continuando*) — « O' Josefina de minha alma, pronuncia uma só palavra, e me abres um futuro, em cujo portico se enranção suaves prazeres e gozos ineffaveis... Vê... Hercules está aos pés de Omphalia... Pronuncia uma só palavra e prefiro o ermo dos sertões ao bulicio das cidades... Que ventura a vida n'uma choupana, como os pastores da encantadora Hellade! Comtigo até mesmo no inferno seria feliz. » (*Interrompendo*) Para lá vá elle só ser feliz! Não é má querer companhia no inferno!

TODAS (*rindo*) — Ah! Ah! Ah!...

JOSEF. — Isto é o importante da carta. Continuemos a historia. Oito dias depois estavamos arrufados. Bati-lhe com a janella á cara. Por uma fresta o espreitava. Desde as dez horas da manhã até á noite o vi medindo o chão do quarto, em que móra. Parecia um possesso. Arrancava os cabellos aos punhados, fallava sósinho, gesticulava como uma arvore sacudida do vento e não foi jantar, quando vierão chamal-o. Amava-me ás devéras. Eu, como vocês, que nada tenho a fazer, comecei n'esse

mesmo dia, á tarde, um novo tiroteio com um visinho de Varcna, que, ha muito, me requestava. Quando o pobre rapaz descobriu ou julgou descobrir a razão, por que dei-lhe de taboa, lançou-me em voz alta meia duzia de insolencias que tive a longanimidade de tragar, fingindo que não erão comigo.

HENR. — Até aqui vejo uma comedia, a que assistimos diariamente. Onde está o tragico?

JOSEF. — Eil-o. O meu heróe está á morte, comeu vidro moido. (*rindo*) Ah! Ah! Ah!

TODAS (*rindo*) — Ah! Ah! Ah!

SCENA IX

As mesmas e Landulpho que apparece no fundo e as escuta, sem ser visto

ANN. — O mocetão não gosta das modas, pois não opinou pelo verde-paris.

JOSEF. (*a Henriqueta*) — Agora, Henriqueta, vamos á tua historia, que começou tristemente, e pelos modos vai acabar bem alegre; pois Landulpho, quando veio pedir tua mão, foi, dizem por ahi, expulso até com grosseiria.

HENR. — Nada mais simples. E' um dos meus caprichos, meninas.

LAND. (*a parte, furioso*) — Que infame, meu Deus!

HENR. (*continuando*) — E depois que tem? Ha de ser um marido bem divertido! Tóca que arrebatá, canta tão bem! Que duo não faremos, elle no violão e eu no piano!? Já o ouvirão cantar a *Roxa saudade*, os *Dez mandamentos*, a *Gentil Carolina*, e o lundú da *Mulatinha*? Ha de ser um marido bem divertido o meu Landulpho!

LAND. (*lançando-se desvairado entre ellas*) — Sim, bem divertido, bem divertido, minha senhora! (*Henriqueta tem um ataque de nervos*).

ANN. (*soccorrendo-a*) — O senhor é um grandissimo malcriado. Então vem-se assim fazer uma moça ter um ataque?

LAND. — Obrigado, mas o ataque é...é...é uma historia do boticario Anacleto!

ENSAIOS TIMIDOS.

Promettemos expôr o nosso juizo a respeito dos *Ensaios tímidos* do Sr. Damasceno Vieira, e ligeiramente vamos cumprir o dever que nos impuzemos; não obstante faltar-nos tempo para este trabalho.

Antes, porém, de fazermos algumas considerações relativas ao livro e ao poeta, cumpre-nos dizer que não é senão com a maior imparcialidade que nos vamos pronunciar; não costumamos a arrefecer nos outros aquillo que nos falta — o enthusiasmo; louvamos-o sempre, e conscios de que a verdade deve luzir á despeito de quaesquer considerações, esperamos merecer d'aquelle, a quem ora nos dirigimos, antes um sorriso sincero do que um olhar de desprazer.

Vai aqui a real expressão do nosso pensar.

Dizermos que o Sr. Damasceno dispõe de vigoroso talento é repetirmos o que está na consciencia de todos, assim, folheemos rapidamente o seu livro, e digamos alguma cousa.

Dividio o Sr. Damasceno a sua collecção de versos em tres partes: *Sala, Gabinete e Alcova*; é pois natural que adoptemos a mesma divisão para o nosso trabalho, conversando com o poeta primeiramente na *sala*, pois somos ainda visita de cerimonia, depois no *gabinete*, e finalmente na *alcova*.

*
* *

Estamos na sala : parece ornada com gosto e respira-se um alívio de perfumes. E' que ha ali flôres iriantes, cultivadas com algum esmero, e que attestão o genio do cultor.

O Sr. Damasceno começou perfeitamente bem os seus *Ensaïos tímidos* ; as poesias que compõem a primeira parte da collecção são notas suaves que desprende da sua lyra novel, e que bem expressão o que vai de melodias em seu coração.

E' no genero lyrico que o Sr. Damasceno deve exercitar-se, porque a nosso ver é elle o que mais se harmonisa com a sua natureza, e o que incontestavelmente pôde eleva-lo.

Entre as muitas e lindas producções que ali vemos, apontamos as *Flores agrestes*, *No cemiterio*, *Anjo decahido*, *Folhas secas*, *Vozes intimas*, *No mar* e a *Mendiga*. A primeira é sem duvida uma das mais bellas poesias ; ha muita naturalidade, e a termina o poeta, fallando ás suas flôres agrestes, com a seguinte e mimosa quadra :

Quando minh'alma transportar-se ao mundo
De immensas trevas, ou perpetua luz,
Na minha campa sepulchral merehai-vos
Entrelaçadas na modesta cruz.

Esta quadra basta para pôr em relevo o genio do Sr. Damasceno, que em vez de atirar-se á genero inteiramente opposto áquelle para o qual propende, deve antes abraçar o em que mais facilmente pôde colher louros virentes.

O lyrismo bem se harmonisa com o seu sentimentalismo.

Depois d'esta ha uma outra poesia reçumbrante de sentimento ! *No cemiterio*. Ao lê-la como que sentimos o mesmo tristor que apoderára-se do coração do joven vate, repassado de infinda saudade.

E' pena que entre os enfeites que ornamentão a sala do Sr. Damasceno, haja aquelle *Retrato* de côres tão carregadas ! Retire-o d'ali, e verá que mais linda fica a primeira peça do seu trabalho litterario.

Peçamos agora licença para passarmos ao *Gabinete*.

*
* *

Eil-o. Abre-lhe a porta *Beatriz*, poema em quatro cantos.

Por certo é este poema interessante; assim tivesse o autor llic dado um maior desenvolvimento, fazendo d'aquella *Beatriz* um typo sublime, e terminasse a sua narrativa fazendo triumphar a virtude.

Agradaria mais, cremos nós, e teria cantado um dos mais elevados sentimentos do coração humano, qual é o amor sem macula que deve sempre entrelaçar duas almas.

Depois do poema, só notamos no *gabinete* do inspirado cantor duas poesias que nada deixão a desejar, são ellas: *Saudação* e *Sombras*; por isso vamos passar á *Alcova*, e já visita de intimidade, seremos francos.

* * *

Noticiando o apparecimento das poesias do Sr. Damasceno, dissemos alguma cousa, que talvez llic desagradou, com respeito á esta parte do seu trabalho; vamos pois repetir o que expuzemos, pedindo-lhe que não nos queira mal.

Abrindo a sua *Alcova* o escriptor descuidou-se, ou não pensou que o fazia dando ingresso á toda a sociedade, pois se assim não fôra, não teria mimoseado ás leitoras com aquelles versos, que não estampamos aqui, mas que bem conhece-os.

Cremos que não vai n'isto uma offensa; parece-nos que n'aquella dedicatoria tornou-se por demais positivo o Sr. Damasceno, e por isso assim fallamos.

Quanto ao que ha pela *alcova*, pouco diremos, existem algumas flôres e muitos cardos.

Entre aquellas apontaremos *Alda*, *Sinhá*, *Corina* e *Rosinha*. E' a nosso ver esta ultima a melhor poesia que enfeita a ultima parte do livro; está escripta com naturalidade, e ha n'ella um perfume de innocencia que encanta.

Escreva sempre assim o Sr. Damasceno que alcanará um bem merecido culto.

Que diremos dos cardos?

Dizemos que ha falta de espirito em algumas poesias das que com o nome acima chrismamos, é faltar a verdade, as ha até *chistosas*, mas o que desejavamos é que houvesse na expressão mais candor.

Em algumas d'ellas o poeta tocou á licença, quando devera restringir-se, fazendo que o seu trabalho pudesse ser lido por todos.

Ha de concordar connosco; ha ali certas producções, que

não pódem ser lidas no seio de uma familia, sem que o rubor deixe de assomar.

Ha muito veneno em sua *alcova*, Sr. Damasceno, e impossivel é penetrar-se n'ella sem se sentir infeccionado.

Não citaremos as poesias a que nos referimos, o autor as conhece, e além d'isso não podemos alongar este escripto.

Vamos terminar pedindo ao Sr. Damasceno que nos desculpe tão ligeiro trabalho; foi feito quando não tínhamos tempo nem disposição, e cremos até haver n'elle falta de nexo.

Prosiga o poeta na carreira que encetou, e vá sempre dando á luz da publicidade os fructos de suas locubrações, que assim não só illustrará o seu espirito como tambem as letras patrias.

Os seus *Ensaíos tímidos*, comquanto o não pareçam, pois que a ave que ensaia os primeiros vôos não desata certamente as suas tenues azas á furia dos vendavaes, e antes recolhe-se temerosa á folhagem protectora, o que se não vê na poesia *Aos poetas*, são os primeiros sons de uma lyra que muito promette, e que mais tarde vibrará mimosos hymnos. Dedilhe-a, e não nos desmentirão por certo.

ARAUJO E SILVA.

Porto Alegre, 20 de Abril de 1870.

MARGARIDA

III

SEPARAÇÃO ETERNA

Eil-a prelibando o travo do infortunio. O raio de ventura que illuminára-lhe o espirito extenuado, some-se rapido na voragem dos desenganos, deixando após si luto e saudades.

A fonte das lagrimas abre-se de novo; o ultimo lampejo de esperança fallece ali no sudario dos candidos e enternecidos affectos de esposa.

O sacrario das alegrias encerra-se para sempre; a alma jimmera e recolhida em solidão profunda soluça e agonisa.

E' que a posse da felicidade perdida acaba de ser uma desillusão tremenda para Carolina; já não é mais o ciume, é o fastio que se ergue terrivel e brutal contra ella.

Dois mezes, apenas dois mezes pôde João Manoel supportar os extremos de sua mulher. Carolina presente o abandono e espera o desenlace fatal.

Começão as scenas interrompidas do drama luctuoso e nefando.

Os poucos momentos que João Manoel passa em casa é para insultar e maltratar a misera esposa.

Ao fim de alguns dias a pobre mãe sente-se alquebrada ; sobrevem-lhe a idéa extrema : fugir. Como quem se despede para sempre das alegrias terrenas, toma nos braços a filhinha e vai refugiar-se na casa do estancieiro.

Para denunciar a ferocidade do marido bastava-lhe mostrar a face ainda roxeada ; porém Carolina ata um lenço ao rosto e disfarça a ultima ignominia do algoz.

Alta noite, cambaleando e tacteando nas trevas, pôde João Manoel chegar até o rancho.

A adaga afiada tremia-lhe no punho e os dentes rangião de cólera.

Tinhão-lhe dito que sua mulher sahira de casa e protestára matal-a antes do dia.

— Carolina! gritou elle; Carolina repetio em altos brados, porém sua voz perdia-se no silencio tumular que o rodeava.

Logo pela manhã o estancieiro mandou-o chamar ; mas João Manoel respondeu que não obedecia mais a ninguem.

— Porque não vais? tornou-lhe o companheiro.

— Porque não quero.

— Fazes mal, Manduca...

— Põe-te lá fóra, e já, que não preciso de conselhos!

O mensageiro mais que ás pressas galgou o lombilho e sahio esporeando o cavallo.

Uma hora depois Manduca entrava na taberna proxima da estancia.

— O' lá! exclama o taberneiro.

— Um trago!

— Ahi tens.

— E vai de um góle, que o minuano córta.

— Então, Manduca, é mesmo verdade que a tua mulher deixou-te?

— Felizmente... Ha mais tempo...

— Mulheres não faltão, hein?

— O que eu digo e juro é que alguém ha de ser carneado!

— Sai d'ahi, bahiano prosa! gritou uma voz dentro..

— Estão jogando?

— Pois não sabes que hoje é domingo? Divertem-se e fazem-te um desafio.

— E eu que acccito. Mais um trago. João Manoel esvaizou o segundo copo.

— Quem quizer chegue-se, que ninguém topa! repetio a mesma voz.

— E' já, tambem não reservo.

Ao anoitecer, mais êbrio do que nunca. João Manoel montou a cavallo e partio como um louco a toda brida. Teria percorrido uma quadra, quando, perdendo totalmente o equilibrio, cahio e ficou preso por um dos estribos. Arrastado então pelo cavallo que não via paradeiro ante si, em poucos momentos um cadaver rola-va sob as patas do animal.

Quando o lóro rebentou-se, o craneo de Manduca estava em pedaços e os membros estrangulados.

DESESPERO

Vêm surgindo os primeiros raios da aurora. A geada palieja o grammado e o minuano acoita iracundo as florestas do Sul.

A peonada aquece-se ao fogo e esvazia as cuias de mate.

Ao longe echôa o mugido do gado disperso pelo vargado.

Na casa do estancieiro só Carolina está de pé.

Que noite tão longa, que sobresaltos e inquietações, que es-cruciante pungir o da pobre mulher!

Nem um só momento de paz, nem um instante sequer de som-no! Tem as faces cavadas pela vigilia e os cilios vellutados got-tejão o pranto de uma dôr irremediavel.

— Porque não me deixei morrer em casa, se hei de acabar aqui, mais hoje, mais amanhã! pensava consigo a infeliz Caro-lina, arrependida do passo que dêra.

Mas logo o chôro da filhinha vibrou-lhe a corda sublime da maternidade e ella corre pressurosa.

— O' não, não, filha da minha alma, não sei para que Deus te cria; mas eu não posso morrer, quando chamas por mim? Se deixei teu pai, foi para salvar a tua vida, porque sem ti... eu não hesitaria um momento...

E collando a boca nos labios carminados da filha, parecia querer devoral-a com beijos.

E a innocente criança volvendo-lhe os olhos brilhantes solta-va a primeira nota da harpa sidérea da alma: — mamãi!

Aquella palavra, dos olhos de Corolina deslisarão bagas e bagas de pranto. Que pensamento esvoaçou no espirito attribu-lado da pobre creatura?

Que nuvem presaga empanou-lhe o horisonte, já tão eunegrecido?

— Vamos, disse ella agasalhando ao collo a filhinha; vamos, vem comigo, depressa, depressa. . . é preciso que pronuncies tambem o nome de teu pai.

E foi a correr; sem sentir o frio que enregelava; caminhou, caminhou até chegar á porta do rancho.

Mal entrou, percorreu o olhar tresvairado em redor d'aquellas paredes, que tinham sido o santuario das primeiras alegrias conjugaes, tornadas agora mudas e silenciosas testemunhas do maior infortunio.

Carolina adormeceu a filhinha e sobresteve largo tempo pensativa.

— Ha de vir, sim, teu pai não tarda, não é, filha querida?

Mas a esperança se lhe exauria, e atravez d'aquelles scismares angustiosos e lancinantes perpassava sinistra a imagem do abandono.

Em vão esperou.

Na volta perguntava á todos pelo marido, e ninguem sabia noticias d'elle.

Ao ultimo que se dirigio, teve por unica resposta:

— Vão vêr que anda bebado e fazendo desordens! . . Aquillo está perdido.

Carolina escutou resignada a offensa e proseguio

Ao entrar em casa, Pedro Rodrigo estava encostado á porta.

— Onde foste? perguntou o estancieiro.

— Tive saudades d'elle. . . mas não o encontrei.

A desgraçada quiz exprimir mais alguma cousa e não pôde; os labios contrahirão-se e as lagrimas extravasarão em borbo-tões suffocando-lhe a voz.

— O que se ha de fazer, o que has de tu fazer agora, Carolina? Teu marido era dos melbores que eu tinha aqui e tornou-se um quebra. Já não sei quaes são os bons nem os máos. . . Não chores, que isso não remedeia nada. . . Dá-me cá a afilhadinha.

Pedro Rodrigo sentou a criança nos joelhos e acariciou-a com paternal solicitude.

— Ah! quer as minhas barbas? disse o estancieiro á pequena. Pois então puche, puche, que são rijas como angico.

E ria-se das travessuras de Margarida.

Foi n'esse instante, que o fazendeiro ouviu bater-lhe á porta.

— Quem é?

— Dá licença?

— Entre, seu José.

Era o capataz da estancia.

— Então que novidades o trazem ?

— Bom dia, patrão . . .

O capataz dando com os olhos em Carolina sentio-se embaraçado.

— Então, o que ha ?

— São d'essas cousas que a gente vê quasi todos os dias, mas . . . O que havia de ser senão uma quéda.

— Pois cabio ? Alguma rodada ?

— Não ha pingo que me derrube, disse o capataz emphaticamente. Foi elle . . . lá está ainda o signal ; o estribo agarrou-se-lhe ao pé que nem carrapato no couro.

— Quem foi ?

— Homem, o melhor mesmo é contar tudo . . . Isto de estar escarceando nem sempre é proprio.

E voltando-se para Carolina continuou : — Prepare-se que o tirão é forte : — Manduca morreu !

(Continúa).

A S D U A S N A U S ¹

A MINHA ESPOSA EMILIA R. TOTTA

Era o quente verão, do mar os pescadores,
Fugião com temor da proxima tormenta.
A tarde ia no fim; já uma cõr cinzenta
Nuncia do trovejar, ao longe o céu cobria:

M. GONÇALVES JUNIOR.

Era de tarde e o sol em frouxos raios
Nas fimbrias do poente se atufava:
Aureas nuvens dispersas pelo espaço
Marchetavão o azul do firmamento:
As brisas, osculando, perpassavão,
As faces do colosso, que estendido
No leito de saphiras dormitava
Cansado de lutar contra os furores
Das procellas, borrascas temerosas.

II

Airoso pouco a pouco foi surgindo
Um barco, que vagava em mansas ondas;
Seu andar imponente e vaporoso
Desdenhava das iras das tormentas:
No espaço fluctuavão brancas vélas
Como as azas da garça, que travessa
Os ares fende no alteroso adejo.

III

A noite succedeu á tarde amena.
E com ella os horrores da borrasca!
Gemia o aquilão pelas enxarcias:
O mar, que ainda ha pouco adormecia.
Ergueu o dorso altivo e pavoroso:
As nuvens cõr de chumbo espavoridas
Agrupavão-se além — no azul celeste...
Nem uma estrella scintillava ao menos!
Nem a lua fulgia resplendente

¹ Recitada no concerto e baile em favor da bibliotheca do — Parthenon Litterario.

Por entre montes de nitentes b'rilhos!
Debatião-se as vagas iracundas
N'um renhido combate horrisonante!
O trovão ribombava pelo espaço,
E os raios traçavam igneas listras,
Nas denegridas nuvens da procella!
Debatião-se em furor os elementos
Lutando no fragor da tempestade.

IV
D'improviso na prôa do navio
Um vulto negro assoma sobre as ondas.
Enfunadas as vélas pelo vento
No escuro tenebroso apparecerão
Um outro barco vinha foragido
Por entre os vagalhões do mar undoso.
De pharóes apagados não ambos
Nas alterosas vagas navegando.

E todos dividiram-se
D'esse a quem o ventor sempre assalta
D'aquele que faz ouvir nos canhões
E aos canhões repete a voz do mar.
Cerra a noite, a borrasca não acalma...
E os lenhos navegando á panno solto
Lutavão contra as ondas insoffridas.
Correndo com amuras desiguaes,
Em rapido momento se chocarão!
Oreça! Arriba! — gritarão commandantes...
E os sons do porta-voz se emmaranhavão
Aos echos dos trovões, que ali se ouvião.

VI
O raio perpassou por entre nuvens
Fendendo os ares com veloz carreira,
Assombrados ficarão os navegantes
Quando sobre o convez nadar se via
Partido o mastro grande em dois pedaços!
Levadas pelo pego as amuradas
Davão franca passage' ao mar revolto
Que indomito sobre elle se arrojava.
Já sem leme, sem mastro e sem velame
As quilhas sobre o abysmo resvalavão!

VII

Era um quadro de horror q' ali mostrava
A natureza alçada em seus furores!...

(Continúa).

A FILHA DE JAIRO

Extincta e fria na manhã da vida,
De Jairo estava a filha no ataúde;
Um anjo parecia adormecido
Co'a virginal capella da virtude.

Já em casa segundo o antigo rito,
Estavão tangedóres de instrumentos,
E já de ha muito as tristes carpideiras
A donzella choravão com lamentos.

Mas no meio do pranto e do alarido,
Eis que um homem sublime ali foi vindo.
« Porque chorão — diz elle — e tanto gritão ?
Não 'stá morta a donzella, está dormindo. »

E todos duvidarão das palavras
D'esse a quem o Senhor sempre assistia ;
D'aquelle que fazia ouvir aos surdos,
E aos cegos reabria a luz do dia.

Do leito da defuncta aproximou-se
Com aspecto divino e venerando ;
Tomou-lhe as frias mãos, e após bradou-lhe :
« Ergue-te filha, sou eu, sou eu que o mando. »

E, resurgida, ergueu-se logo a moça,
Por um dom contra a morte não previsto ! —
E enquanto o assombro percorria a casa,
Seren e bello, orava JESUS CHRISTO !

BERNARDO TAVEIRA JUNIOR.

P R E S E N T I M E N T O

Á B. T. JUNIOR

Hei de morrer, bem sei, na flôr dos annos,
na quadra em que o viver deslisa em flôres,
succumbirá meu peito aos desenganos
sem fê, sem esperança e sem amores !...

Hei de morrer, bem sei, na flôr dos annos !...

Como a triste avesinha da floresta
morre implume se a furtão de seu ninho,
vendo o mundo folgar na ebridez da festa
morrerei muito joven, sem carinho —
como a triste avesinha da floresta !

Não verei a meu lado desvellada
a mãe, que me alentou infante ao seio,
confortando minh'alma angustiada
uma irmã que me ampare n'esse aneio,
não verei a meu lado desvellada ..

Sem irmão, sem irmã, sem mãe querida,
ganharei do martyrio a dura palma,
quando a parca cruel ceifar-me a vida;
e sentirei, sósinho a dôr d'est'alma...
sem irmão, sem irmã, sem mãe querida !

Quando uma cruz marcar-me a sepultura
no fim d'esta romagem transitoria,
não virá n'esse chão uma alma pura,
chorando aviverar minha memoria,
quando uma cruz marcar-me a sepultura !..

E hei de morrer meu Deus na flôr dos annos,
sem irmão, sem irmã, sem mãe querida,
sem amante tambem !... — Só desenganos
velaráõ meu trespasse d'esta vida !...
E hei do morrer meu Deus na flôr dos annos !

MENEZES PAREDES.

CHRONICA

Resta-nos apenas uma pagina, aproveitemol-a consignando ligeiramente algumas noticias.

Começaremos fallando de uma festa nossa, do concerto musical, que realison-se na noite de 23 d'este mez, em beneficio da bibliotheca do *Parthenon*.

Animada e esplendida festa foi essa: o salão da *Spirée Porto-Alegrense* regorgitava de senhoras e cavalheiros distinctos, que, comprehendendo o pensamento do *Parthenon*, o auxiliarão expontanea e nobremente.

Cabe aqui um voto de sincera gratidão aos distinctos senhores que tomarão parte no concerto, bem como ás Exmas. Sras. DD. Emilia Dreher, Emilia Totta e Maria Luiza Gomes que nos coadjuvarão brilhantemente: — as duas primeiras no piano e a ultima com sua maviosissima voz.

Ha ainda alguém a quem o *Parthenon* deve sinceras sympathias pela expontaneidade e cavalheirismo com que obsequiou-o: fallamos do nosso consocio o venerando maestro Mendanha.

A' todos, pois, em nome da sociedade, os nossos cordiaes agradecimentos.

Offerecemos hoje aos nossos assignantes o retrato do finado Miguel Pereira de Oliveira Meirelles, de cuja biographia encarregou-se o litterato Sr. Francisco de Abreu Valle Machado, que, ha tanto tempo affastado do torneio das lettras, vem hoje depôr uma lagrima saudosa sobre os manes de um amigo devotado e sincero.

Um facto que sobremodo vem felicitar a provincia, e que não podemos deixar de apontar aqui, é a reabertura da escola-militar n'esta capital.

Comprehendemos bem que está elle fóra do dominio de uma chronica; mas preso por sua natureza ás lettras, entendemos dever mencional-o.

Não resta duvida que era um grande mal para o rio-grandense a não existencia aqui da escola-militar, que já houvera dado bons resultados. Provincia inteiramente militar, pôde-se assim dizer, e onde grande parte do exercito estaciona, não podião senão difficilmente alcançar o curso de suas respectivas armas aquelles individuos que dedicavão-se á vida militar; pois para isso lhes era necessario recorrer á escola-militar na côrte, o que para muitos era um impossivel.

Consignado este facto, vamos terminar, certos que temos escripto o quanto basta para a pagina que nos sobrou.

Nemo.